

Peru deve ir ao FMI para rever o acordo fechado há três semanas

do Financial Times

O Peru deseja negociar uma atenuação do programa de austeridade econômica acertado há apenas três semanas com o Fundo Monetário Internacional (FMI), para a concessão de um empréstimo de US\$ 431 milhões. A iniciativa peruana soma-se à onda de protestos e queixas na América Latina após a elevação das taxas de juros norte-americanas na semana passada.

O primeiro-ministro peruano, Sandro Mariategui, declarou ao Congresso que o Peru poderá não ter condições de saldar sua dívida externa de US\$ 12,6 bilhões, a menos que os termos do programa sejam renegociados. Assinalou que o recém-nomeado ministro da Economia, José Benavides, viajará em breve para Washington para discutir os novos termos.

"As exigências do Fundo, caso aplicadas cegamente, sufocarão a capacidade produtiva deste país e suas condições para o pagamento da dívida", advertiu.

A reivindicação peruana de termos mais leves coincide com uma mudança na linha política do governo do presidente Fernando Belaúnde, da ortodoxia conservadora para um populismo moderado. Nos dois últimos meses, o ex-primeiro-ministro Fernando Schwald foi substituído por Mariategui, e o ex-ministro das Finanças, Carlos Rodríguez Pastor, por Benavides. O partido

Venezuela é pressionada

O principal negociador da dívida venezuelana, Carlos Guillermo Rangel, declarou que seu país está sendo submetido a "pressões políticas" para que firme um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para o refinanciamento de sua dívida externa de US\$ 35 bilhões.

Em uma entrevista ao jornal "El Universal", Rangel também criticou os recentes aumentos na "prime-rate" dos bancos norte-americanos, advertindo que isto somente piorará a situação dos países devedores latino-americanos, informou a AP/Dow Jones.

"Para países como Argentina, México e Brasil, isto cons-

titui um pesado golpe, que poderá pôr em risco os processos de ajuste já em desenvolvimento", disse Rangel.

Os três países mencionados — os maiores devedores da América Latina — concluirão acordos com o FMI, ao contrário da Venezuela. Na semana passada, autoridades financeiras norte-americanas notificaram os bancos do país a considerarem os empréstimos à Venezuela como "substandar" (abaixo do padrão — o que significaria de alto risco), uma advertência aos bancos privados a reservarem recursos para um possível não pagamento.

de Ação Popular, de Belaúnde, está se voltando para a esquerda, devido às eleições gerais do próximo ano.

A atitude do governo peruano não foi bem recebida em Washington. Embora o FMI não tenha feito nenhum comentário oficial, seus funcionários, de acordo com algumas fontes, estariam surpresos e desapontados com o fato de que já se busquem alterações em um programa assinado no mês anterior. Nas negociações, o FMI mostrou-se pouco disposto a aceitar as objeções peruanas às rigorosas medidas de austeridade.

O anúncio peruano, além disso, deverá retardar a conclusão dos acordos de

reescalonamento de cerca de US\$ 1,5 bilhão da dívida com os bancos comerciais vencível até o final de julho de 1985. Os trezentos bancos credores do país estão atualmente analisando o pedido de reestruturação, e deveriam firmar o acordo por volta do fim do próximo mês.

Bankeiros indicaram que a conclusão do refinanciamento dificilmente será obtida em breve, caso a situação do acordo entre o Peru e o FMI continuar incerta.

A intranqüilidade sobre as perspectivas de planos de austeridade mais rigorosos e de aumentos na carga da dívida foi manifestada em vários círculos latino-americanos:

• O ministro das relações exteriores da Argentina, Dante Caputo, declarou em uma entrevista à imprensa concedida anteontem em Brasília: "Não temos condições de continuar a ser dependentes de decisões arbitrárias do sistema financeiro internacional, tais como este recente aumento nas taxas de juros básicos nos Estados Unidos".

• Em La Paz, doze dirigentes sindicais bolivianos iniciaram ontem uma greve de fome contra o pacote de austeridade decretado pelo presidente Herman Siles Zuazo no mês passado.

• Em Caracas, o presidente do Partido de Ação Democrática (situacionista), Gonzalo Barrios, afirmou: "Os Estados Unidos estão dispostos a defender sua prosperidade econômica à custa da ruína do restante do mundo".

• Em Nova York, o presidente do Equador, Oswaldo Hurtado, previu crescentes dificuldades para o sistema financeiro mundial, em resultado dos problemas da dívida externa latino-americana.

• Em São Domingos, o presidente Salvador Jorge Blanco substituiu José Santos Tavares, ministro das Finanças, por Bernardo Vega como governador do Banco Central, em meio ao descontentamento com a implementação das medidas de austeridade do FMI adotadas no mês passado. Este mês, pelo menos 55 pessoas morreram em distúrbios na República Dominicana.